

MÊS DA POPULAÇÃO | NASCIMENTOS E FECUNDIDADE

NASCIMENTOS E FECUNDIDADE EM ANÁLISE EM NOVO ESTUDO DA FUNDAÇÃO FRANCISCO MANUEL DOS SANTOS

Estudo revela que:

- Cerca de 25% dos indivíduos esperam ficar pelo filho único
- A decisão de transição para o segundo filho parece ser condicionada pela possibilidade de uma maior presença do pai junto dos filhos pequenos e da partilha com a mãe das responsabilidades domésticas e familiares
- Nível de instrução mais elevado tende a condicionar positivamente a entrada mais tardia na parentalidade
- As mulheres com níveis de escolaridade mais elevados apresentam uma maior intenção de ter mais filhos, apesar de serem as que actualmente têm menos
- Os indivíduos com mais de dois irmãos na sua família de origem ou que consideram que a mãe não deve trabalhar são mais susceptíveis de anteciparem a entrada na parentalidade
- Cerca de 43% dos indivíduos ainda pensa ter o 1º ou mais filhos, sendo que a maioria destes (68%) não tem ainda qualquer filho
- Homens e mulheres desejam ter mais filhos do que aqueles que efectivamente têm ou tencionam ter

LISBOA, Maio 2016 – A Fundação Francisco Manuel dos Santos (FFMS) publica hoje o estudo “Determinantes da Fecundidade em Portugal,” coordenado por Maria Filomena Mendes (Universidade de Évora / CIDEHUS). A publicação deste estudo insere-se no âmbito do mês da população, organizado pela FFMS durante o mês de maio.

O estudo “Determinantes da Fecundidade em Portugal” analisa as determinantes dos nascimentos e da fecundidade em Portugal, nas suas várias vertentes, fazendo uso dos resultados oficiais do inquérito à fecundidade, realizado em 2013, no âmbito de um protocolo celebrado entre a FFMS e o Instituto Nacional de Estatística (INE). O que pode determinar a decisão de ter, ou não, filhos? Quem está a adiar o nascimento dos filhos? O que leva um casal a decidir não ter o segundo filho? Estas são apenas algumas das questões analisadas em profundidade pela equipa responsável pelo estudo.

Sabendo que Portugal tem um dos mais baixos níveis de fecundidade da Europa e do mundo, o estudo tenta contribuir para melhor compreender o que se está a passar com os homens e mulheres em Portugal no que diz respeito aos nascimentos e ao projecto de ter filhos. Como explicam os autores do estudo, na introdução ao mesmo, “apesar de o inegável interesse da sociedade pelo tema, existe, na verdade, um elevado grau de desconhecimento em relação a ele, quando falamos de Portugal. A escassez de informação é a primeira razão e a segunda é a análise da mesma.”

Como lembra Maria João Valente Rosa, coordenadora científica da FFMS para a área da população, “O número de nascimentos em Portugal é particularmente baixo e as pessoas estão a adiar o projecto de ter filhos. Conhecidos os factos, é preciso ir mais longe e compreender as razões que os justificam. O estudo científico hoje apresentado constitui, assim, uma referência muito importante para a compreensão do que está a acontecer com os comportamentos dos homens e das mulheres de Portugal face à fecundidade.”

O estudo está disponível, na íntegra, para consulta gratuita no website da FFMS e na plataforma “Nascer em Portugal” nascereportugal.ffms.pt.

Mais informações:

Diogo Novais | JLM & Associados
T: 926 267 950 | E: dnovais@jlma.pt

ANEXO
DETERMINANTES DA FECUNDIDADE EM PORTUGAL – OS FACTOS

Nascimentos e fecundidade em Portugal – Sabia que...?

- Portugal tem um dos mais baixos níveis de fecundidade da Europa e do mundo, registando um Índice Sintético de Fecundidade inferior a 1,3 filhos por mulher (2013 e 2014).
- O ano de 1982 foi um ponto de viragem, na realidade demográfica portuguesa: desde então, o número médio de filhos por mulher em idade fértil permanece abaixo do limiar de substituição de gerações (< 2,1 filhos).
- Verifica-se um adiamento notório da idade para se ser mãe ou pai, em Portugal. Actualmente, a idade média de maternidade é 31,5 anos, e a idade média das mães à data de nascimento do 1º filho é de 30 anos.
- 61% dos homens e mulheres em idade reprodutiva têm filhos – e, neste grupo, mais de 75% não tenciona voltar a ter.
- 8% da população portuguesa em idade fértil não tem filhos, nem tenciona vir a ter.
- Cerca de 43% dos indivíduos ainda pensa ter o 1º ou mais filhos, sendo que a maioria destes (68%) não tem ainda qualquer filho.
- O nível de instrução condiciona a entrada na parentalidade: os indivíduos sem filhos tendem a ter níveis de instrução mais elevados. 59% dos homens e 75% das mulheres sem filhos têm o secundário ou mais; 61% dos homens e 51% das mulheres com filhos têm, no máximo, o 3º ciclo de escolaridade.
- No final do seu ciclo reprodutivo, cerca de 25% dos indivíduos esperam ficar pelo filho único, enquanto mais de 50% espera alcançar os 2 filhos.
- O número de filhos desejados não corresponde ao número de filhos que, realisticamente, homens e mulheres esperam ter no fim do seu ciclo reprodutivo – esperam ter, em média, 1,8 filhos, embora desejassem chegar aos 2,3 filhos.
- Proporção de mulheres com filhos é superior à de homens (M:65% vs H:59%).
- Mais de 75% das mulheres e homens com filhos têm pelo menos 34 e 36 anos, respectivamente.
- Mais de 90% dos homens e 80% das mulheres com filhos vive com cônjuge ou companheiro.
- As mulheres com níveis de escolaridade mais elevados apresentam uma maior intenção de ter mais filhos, apesar de serem as que actualmente têm menos.
- O adiamento do projecto de parentalidade é potenciado por vários factores, tais como o prolongamento dos estudos, o momento da entrada no mercado de trabalho, a instabilidade ou inexistência de uma relação conjugal, a saída tardia de casa dos pais, o discordar que ter um filho é essencial para a realização pessoal ou o acreditar ser preferível ter menos filhos de modo a poder assegurar-lhes melhores oportunidades.
- Os indivíduos com mais de dois irmãos na sua família de origem ou que consideram que a mãe não deve trabalhar são mais suscetíveis de anteciparem a entrada na parentalidade.
- A decisão de transição para o segundo filho parece ser condicionada pela possibilidade de uma maior presença do pai junto dos filhos pequenos e da partilha com a mãe das responsabilidades domésticas e familiares.

Nascimentos e fecundidade na Europa – Sabia que...?

- A substituição de gerações não está assegurada em nenhum país da União Europeia. De acordo com os dados provisórios de 2014, França é o país com o Índice de Fecundidade mais elevado da UE (2,0), enquanto Portugal ocupa o último lugar da tabela (1,23).
- Em 2012, 2013 e 2014, Portugal registou o Índice Sintético de Fecundidade mais baixo de toda a União Europeia.
- A Europa do Norte e Ocidental tendem a registar um Índice Sintético de Fecundidade superior a 1,5 filhos. Alguns países encontram-se mesmo bastante próximos do limiar da substituição de gerações (e.g.: França, Irlanda ou Suécia).
- Verifica-se uma tendência geral para o aumento da idade da mãe ao nascimento dos filhos, especialmente do primeiro. É na Europa Central e de Leste que as idades médias de maternidade são mais baixas.